

co para celebrar a nossa data mais importante

la tempo que eu não me sentia em estado de graça. Pois foi mais ou menos o que me aconteceu no dia 27 de junho, em São Paulo, durante a 3ª Parada GLBT (Gays, Esticas Bissexuais e Transgêneros). Se você não fail perdeu uma das coisas mais lindas do ano. Se fai, aposto como queria mais. Às duas e meia da tarde daquele domingo ensolarado, eu e dois amipos chegamos para a concentração, ainda inseguros quanto ao número de participantes. Encontramos apenas uma multidão animada, que lotava as escadarias do prédio da Gazeta, na avenida Paulista, ao som do bate-estaca de um carro treme-chão, encimado por um grupo de go-go boys de sunquinha branca e a drag Cindy Babado de anjo diáfano. Era o carro da SoGo, casa noturna de Amsterdam, que estará inagurando sucursal nos Jardins, em setembro. A coisa começou a esquentar quando os rapagões, rebolando como alucinados, baixavam as sungas, para mostrar aquilo que as barbies conseguem de melhor, com a malhação: bundas divinas. O público urrava, enquanto as famílias de classe média se surpreendiam, ao passar pela apertada garganta que a polícia tentava garantir, para escoar o trânsito da Paulista. Quando fechava o sinal, uma faixa se abria diante dos carros, de lado a lado da avenida: "Chega de violência contra gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais." Um burburinho constante evidenciava a chegada de mais e mais pessoas de todos os tipos, como se brotassem do chão. O clima de festa foi rapidamente se tornando contagiante. Os rapazes da SoGo jogavam morangos e champanhe no público, sobretudo masculino, que crescia ao redor do carro, de gogó estendido para o alto. Prontos para sair, enfileiravam-se mais três carros de som e oito carros alegóricos, de responsabilidade de empresas ligadas à vida noturna - que estavam entrando com apoio ou patrocínio. Essa, aliás, foi a maior novidade da 3ª Parada: o grande número de entidades e estabelecimentos que deram suporte financeiro e logístico ao evento, além de vários sindicatos (costureiras, bancários, metalúrgicos e professores). Para evitar propaganda indevida, o uso de microfones ficou restrito ao carro da organização - cujas caixas de som, aliás, deixaram muito a desejar (um dos pontos fracos do evento, diga-se...) As três, conforme o previsto, a bandeira do arco-íris de 50 ms. foi aberta, ao som da bateria dos meninos da Escola de Samba Leandro de Itaquera. Como estávamos ali para tomar nosso espaço através da celebração, a festa foi considerada o principal ato político - e provavelmente o segredo do sucesso da 3ª Parada GLBT. Nossa querida Marta Suplicy fez o único discurso de engajamento explícito. Do alto de um carro treme-chão, ela saudou as pessoas presentes, dizendo-se emocionada com o número de participantes (que já lotavam a região); e lembrou como tinha sido difícil chegarmos até ali, na tentativa de criar uma sociedade democrática em que os direitos homossexuais sejam respeitados. Ao seu lado, a drag Silvetty Montilla, apresentadora oficial da Parada, deu a largada. E então a multidão começou a se mover, com uma alegria feérica. Dançava-se por todo lado, junto aos carros de som que tocavam tecno, axé/pagode ou dance music dos anos 70 - fazendo o povo sacudir com clássicos de Gloria Gaynor, Village People e o recente

quase-hino "It's not right, but it's OK", com Whitney Houston. Eu tinha sido convidado para ficar em cima do carro dos organizadores, mas preferi mergu-Ihar naquela energia iluminada que se espraiava pela avenida. E de fato, andei pra cima e pra baixo como uma criança deslumbrada, trocando com as pessoas uma cumplicidade deslavada. Nós nos olhávamos, sorriso orgulhoso nos lábios, agradecendo uns aos outros por estarmos ali a celebrar o nosso amor. De qualquer parte, podia-se ver os dois arco-íris de balões coloridos, subindo e descendo de um lado a outro da avenida. A bandeira do arco-íris estendia-se acima do asfalto, constantemente agitada e disputada. Grande parte das pessoas carregava balões multicoloridos, que tinham sido distribuídos juntamente com apitos e camisinhas. Apitava-se intensamente, cada qual querendo dizer: estou aqui. Sim, nós estávamos lá vivos e felizes, homens e mulheres de todas as idades, levando adiante uma energia nova para este país de burocratas da sexualidade. Éramos milhares de pessoas mostrando deliciosamente a cara para câmeras e filmadoras que circulavam por todo lado. Essa era uma das sensações mais agradáveis: ninguém na Parada parecia ter vergonha de nada. Apenas, de vez em quando, alguns olhos marejados. E um nó mal preso na garganta. Mas de emoção e legítimo orgulho. Do fundo dos meus 55 anos de batalha, precisei esperar várias décadas para ter esse prazer indescritível: um misto de euforia, orgulho, vingança e muita, muita alegria mesmo, ao compartilhar uma bandeirona do arco-íris com as pessoas presentes, durante as quatro horas que durou nossa festa pela avenida Paulista, Consolação, Ipiranga e praça da República. Paramos o trânsito no centro de São Paulo, com uma multidão que surpreendeu a polícia e até os organizadores da Parada: mais de 20 mil participantes, segundo o cálculo da PM. As pessoas pare ciam brotar do chão, vindas não só da capital, nem só de várias cidades da Grande São Paulo. Vieram caravanas de mais de 50 cidades do interior do estado de São Paulo. Caravanas tinham chegado de avião, de ônibus ou de carro, vindas de diferentes estados como o Rio de Janeiro, Bahia, Goiás, Brasília, Espírito Santo e Minas (só a cidade de Alfenas lotou dois ônibus). As lésbicas, por exemplo, que tinham participado de um Seminário Nacional no dia anterior, representavam vários estados do Brasil. E os organizadores foram surpreendidos com a presença até mesmo de grupos de Nova York, Holanda e Alemanha, pois várias agências homossexuais do exterior haviam incluído a Parada em seus roteiros turísticos.

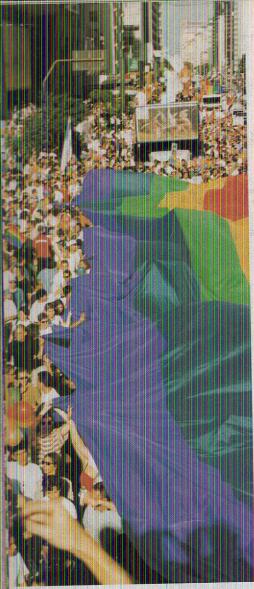
De fato, o que se viu foi um arco-íris de diversidade. No carro abre-alas, o travesti cult Cláudia Wonder estava linda, de dourado, junto com um destaque da Leandro de Itaquera, que carregava uma enorme cauda de pavão, em meio às bandeiras do Brasil, de São Paulo e do arco-íris. Pouco atrás, a drag Kaká di Polli, Madrinha da Parada, rodava em seu imenso modelo (uma coisa assim Rainha do 3º Milênio), sacudindo a bandeira brasileira, em meio aos jatos de fumaça de todas as cores, que criavam um ar particularmente feérico ao redor. Sozinhos ou em grupos, havia muuuuuuuiliiitttooos jovens, mulheres, senhores, senhoras, (muitas) crianças no colo ou nos ombros



Cindy Babado no carro da Sogo



A multidão ruma pela avenida Paulista



de pais e mães homossexuais ou simpatizantes. No carro-trenzinho da Blue Space, a garotada aboletava-se lado a lado com gente da terceira idade e bichas desinibidas, sob a faixa "Amor não tem idade" (e não tem mesmo, a julgar pelo tesão generalizado que se sentia). Aliás, as faixas deste ano, que eram muitas, espalharam-se por toda a extensão da Parada, claras e diretas. "É legal ser homossexual!(Art.5°da Constituição)", dizia uma delas, gozadora. Ou: "O preconceito tem cura". Ou: "Seu filho é gay? Ame-o, respeite-o, aceite-o". Vi cartazes solitários: "Sou bissexual, e daí?" ou "100% gay" - carregado por um adolescente. A Editora GLS compareceu com uma alegoria de livro aberto que caminhava pelo meio do público. Logo de cara, recebi um beijo de um mulatinho lindo, quase nu, com seu quepe e arreios de couro. Aliás, essa foi uma das grandes novidades da Parada deste ano: totalmente desinibidos, circulavam vários casais de senhores e rapazes S&M com seus arreios - alguns ostentando lindos mamilos com piercing. Um grupo de HIV+ ligados ao GIV (Grupo de Incentivo à Vida) circulava, com seu carro, ao lado de fantasias engraçadíssimas de gatos, gatas, ursos, coelhos - mas sobretudo muita gente vestida de si mesma. As drags andavam fervendo por toda parte, montadas de tudo quanto é tipo: desde uma Marilyn Monroe com seu lulu até empregadinhas de saiote minúsculo (que espanava os carros

do outro lado da avenida), passando por uma Batgirl que adorava trepar em postes, uma bruxa medonha, demônias chiquérrimas (de botas vermelhas), Dimmy Kier de bicicleta, Pandora Boat de autêntico traje afro e as gêmeas Dolly & Dolly, inseparáveis. Perdi a conta das drags com modelito básico nas cores do arco íris ou da bandeira brasileira (dessas, destacava-se uma senhôra, com um tailleur verde esmeralda, botas amarelas até os joelhos e uma peruca rosa). Havia caricatas imensas, de botas incríveis, drags fantasiadas com folhas de jornal e com pano de saco de farinha (uma drag-ão, cara borrada, chinelos gastos, que ostentava a faixa: "Miss Éria"). Rebolando na avenida, um travesti dava uma de Garota Globeleza, só com uma folhinha de parreira cobrindo os pentelhos. E muitas travecas botavam para fora os peitos siliconados. Quase fechando à Parada com sua enorme faixa vermelha contra o preconceito e a discriminação, vinham os jovens anarco-punks, em trajes típicos - pontualmente presentes desde a minúscula Passeata de 1996, dispostos a nos dar apoio, com sua tradição de enfrentar os fascistas carecas.

Das janelas dos edifícios, caía papel picado. E muita gente, homossexuais ou simpatizantes, nos aplaudia. Já quase no final da Consolação, palmas entusiásticas para Roberta Close, que subiu até o apartamento de Leão Lobo, de onde saudou o público. E teve El<mark>k</mark>e Maravilha bat<mark>endo ponto, e Érika</mark> Palomino segurando a bandeira, misturadas anonimamente ao público que transformou a avenida numa pista de dança móvel. Após quase quatro horas de caminhada festiva, chegamos à praça da República, já noite. Houve então um show de encerramento comandado por Cláudia Wonder, com a apresentação de várias drags, além dos grupos Ópera Queer e o underground Tetine. Nos intervalos do show, ocorreu um espetáculo com fogos de artifício, ao mesmo tempo que os balões dos arcoíris foram soltos nos céus de São Paulo. A festa rolou até pelo menos 8 e meia da noite, com a multidão que não parava de dançar. Apesar de alguns senões menores, foi notável a organização deste ano: eram mais de 60 coordenadores, correndo pra cima e pra baixo com walkie talkies, identificados por camisetas vermelhas e responsáveis pela coordenação geral, segurança, harmonia e bandeira. A polícia, que compareceu em número menor do que o esperado, colaborou apenas no essencial. A CET, encarregada do (des)trânsito na cidade, ameaçou processar judicialmente a organização, caso a passeata interrompesse o trânsito na avenida Paulista -- considerada via essencial. (Por acaso, ela deixa de ser essencial quando é fechada a cada vitória do Corinthians ou do Palmeiras, durante os jogos da Copa e até para espetáculos organizados pelas TVs?) A Paulista acabou sendo tomada à força pela multidão, e a CET não pode fazer nada. Os incidentes negativos, num evento desse porte, também foram mínimos -- como um maníaco homofóbico (ou seria apenas uma enrustidona?) que jogou cal líquida na bandeira e fugiu. Afinal, quem ousaria enfrentar 20 mil pessoas que alegravam aquele domingo de inverno em São Paulo?

O evento teve repercussão fantástica: jornais, rádios e TVs reportaram. Mas não foi só na mídia. Impressionados com a participação massiva, os

mesmos empresários que só a custo se reuniram com os organizadores, uma semana antes da Parada, atendendo a insistentes pedidos, agora se acotovelavam para oferecer patrocínio. A Associação Viva Centro acenou com a possibilidade de, no próximo ano, fechar a avenida Ipiranga no trecho da praça da República, para a realização de uma grande rave com vários DJs tocando simultaneamente. Já se conseguiu, também, a inserção do dia do Orgulho GLBT e da Parada no calendário oficial da cidade de São Paulo. Não é para menos: numa cultura onde tudo passa pela estatística, reunir mais de 20 mil pessoas é uma façanha respeitável. E aí está o grande sentido político da Parada: a afirmação de que existimos, gostem ou não, e somos milhares. Vencemos o nosso pior inimigo, a invisibilidade, e afirmamos nossa existência. Por isso, tal evento me parece ser a conquista mais importante na luta pelos direitos homossexuais do Brasil, nos últimos anos. Políticos conservadores, religiosos fundamentalistas e homófobos em geral, que insultavam gente anônima, agora terão que se defrontar com uma multidão de homossexuais com rosto e identidade, que têm capacidade de ir às ruas, em nome dos seus direitos. Eles gostem ou não, viemos para ficar. E é melhor ir se acostumando com nossa presença, pois tudo leva a crer que de agora em diante o fenômeno das Paradas tende a crescer como rastilho de pólvora e se multiplicar em cada grande cidade brasileira. Acho que a 3ª Parada de São Paulo funcionou, antes de tudo, por sua eficiência. Afinal, as coisas não aconteceram improvisadamente. O que se viu em 27 de junho foi resultado de um processo trabalhoso. Representantes de grupos de ativistas da capital e do interior juntaram forças para fundar no ano passado a Associação da Parada GLBT/SP, entidade registrada em cartório, com endereço no centro de São Paulo, estatutos, conta bancária, associados e diretoria eleita a cada 2 anos. Trata-se de uma equipe de mais de 20 pessoas, divididas em comissões específicas que cuidam da infra-estrutura, comunicação e eventos - abertas para gente interessada em integrar seus quadros. A idéia agora é manter atividades durante todo o ano, e assim tornar a Parada um fator de mobilização permanente, trabalhando inclusive em várias outras instâncias relacionadas aos direitos homossexuais. Aí se inclui, por exemplo, a manutenção de uma página na Internet (ver endereço abaixo) e a publicação de um jornal.

Afinal, chega de brincar de direitos, não é? Vamos tomar o espaço que nos é devido, numa sociedade democrática. E depois, é tão bom botar a cara fora do gueto e, pra variar, mostrar à luz do dia o nosso amor — aquilo que temos de melhor. Eu, de minha parte, já sinto saudade e estou ansioso pra participar no ano que vem. Se você quer se dar um presente, compareça também à próxima Parada. Prepare seu modelito e vá comprovar pessoalmente como faz bem à auto-estima. Homo que é homo, mostra a cara... e muito mais. Até lá!

e.mail de João Silvério Trevisan: jstrevisan@sol.com.br site oficial da Parada: http://paradasp.cjb.net e.mail: paradasp@sti.com.br telefone virtual (011) 3203 0195